



## Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



### A visão de Sarney

Transcorreram os primeiros dez anos da redemocratização do país. O destino reservou a tarefa de consolidá-la a um ator improvável, José Sarney. Ex-presidente da Arena, o partido de apoio do autoritarismo militar, estava ele preparado apenas para ser uma discreta sombra de Tancredo Neves. O seu papel era lembrar ao presidente da República que a sua eleição só se tornara possível em virtude dos votos de antigos governistas no colégio eleitoral indireto. Teria, portanto, uma atuação parecida com a que hoje cabe a Marco Maciel. Deveria atuar, quando recebesse delegação, no terreno que melhor conhece, que é o Congresso.

O poder caiu-lhe de surpresa no colo, através de um telefonema do general Leônidas Pires Gonçalves, ministro do Exército escolhido por Tancredo. Levou um susto, respirou fundo, tomou tanto gosto pelo lugar que tudo fez para ganhar mais um ano de mandato. Olhando para trás, confessa-se satisfeito com o papel que teve. O seu Governo teve altos e muitos baixos, momentos de popularidade e de repúdio, mas ninguém lhe disputa um mérito fundamental: consolidou a democracia no Brasil. Ele mesmo diz:

— Governei com os militares, não contra eles. Com isso o Brasil foi poupado dos traumas que ainda marcam o Chile e a Argentina, que tiveram transições de conflito entre civis e militares.

Hoje, José Sarney está treinando para Ulysses Guimarães. Na Constituinte, os parlamentares liam jornais, escreviam, conversavam no plenário, até jogavam bolinhas de papel uns nos outros enquanto o dr. Ulysses não assumia a presidência dos trabalhos. Ulysses se sentava, apertava a campainha e os escolares em férias voltavam a ser representantes do povo. Feito silêncio, vinha a ordem: "Vamos votar". Todos ganhavam as suas cadeiras, colocavam as suas chaves no lugar, apertavam os botões e votavam.

Na terça-feira, dia antigamente de quorum baixo, estavam no plenário do Senado 71 senadores. Sarney colocava as matérias em votação, concedia a palavra aos que a pedissem, explicava a aplicação do regimento, fazia a pauta avançar. Era o dr. Ulysses, versão jaquetão. Até a próxima quinta-feira terá conse-

guido colocar em votação todos os itens pendentes da ordem do dia. Diz ele:

— Ao longo do meu Governo, construímos uma sociedade democrática, mas as nossas instituições ainda não são plenamente democráticas. Há uma poderosa sociedade civil organizada, que pretende ter uma legitimidade igual à dos parlamentares, mas o Congresso perdeu poder, inclusive quando comparado ao período militar. Na sociedade civil todos se sentem iguais e acabamos com as castas sociais. A última vez que um trabalhador sentiu-se inferior ao patrão foi no debate entre Lula e Collor, nas eleições de 1990.

Sarney dedica o seu esforço e usa a posição privilegiada de presidente do Senado para corrigir os desvios de funcionamento que detecta. Acabou com o colégio de líderes, pôe em votação todas as propostas que aparecem.

— Não estou aqui para engavetar projetos de lei, defendendo o interesse de quem quer que seja — afirma. Isso vale para a lei complementar que regula os juros em 12% ao ano. Diz, ainda:

— Os três poderes só voltarão a ser equilibrados quando tomarmos duas providências: dar eficiência às deliberações do Congresso e limitarmos drasticamente o poder do Executivo de editar medidas provisórias. Ao tempo dos militares, o decreto-lei só podia ser usado em matérias de segurança nacional e de finanças. Agora, até para determinar o teor de todo o sal, que é assunto de portaria, se fez uma MP.

Na visão do senador José Sarney, as reformas da Constituição são indispensáveis à governabilidade e ao aperfeiçoamento da democracia, objetivos estratégicos a serem buscados por todas as forças políticas. Há, no entanto, uma tarefa de curto prazo que pretende assumir no Congresso:

— Temos que criar uma união nacional em defesa do real — diz ele.

— A estabilidade da moeda passa antes de tudo, porque se a inflação voltar e a economia ficar desordenada, as instituições podem correr o maior dos perigos, que é a desilusão do povo.

Sarney pretende começar já a conversar com as forças políticas sobre o real. Será ele o articulador político que Fernando Henrique anda buscando?